

A vassoura e o divã

Gilberto Safra

Os conceitos ligados ao transicional (Winnicott) e ao símbolo apresentativo (Suzanne Langer) servem aqui para pensar a função do objeto na constituição do *self* e na intervenção psicanalítica.

Certo dia, ao sair de meu consultório, encontrei, no jardim da casa, uma mendiga. Tratava-se de uma mulher que aparentava ter ao redor de cinquenta e poucos anos, roupas escuras arrastando pelo chão, cabelos embaraçados e sujos, rodeada de muitos objetos: pedaços de papelão, panos, panelas velhas, cordões.

Intrigado, eu a olhava, e ela, correspondendo ao meu olhar, me fitou com dois tristes olhos azuis. Vivi um instante de surpresa, de compaixão e de experiência estética. Ela caminhou até mim; enquanto eu imaginava que talvez ela me pedisse dinheiro ou comida, me pediu uma vassoura.

— Tem uma vassoura velha para me dar?

Respondi que sim, entrei novamente no consultório em busca do objeto pedido, e entreguei-lhe a vassoura. Agradeceu, pegou a vassoura e começou a varrer um trecho, ao lado de um muro, da rua. Em seguida

colocou os seus objetos sobre o chão recém-varrido, e sentou-se, procurando arrumar os conteúdos dos sacos que carregava.

Ela morou nesta rua durante aproximadamente vinte dias. Inúmeras vezes ao olhar pela janela do consultório, eu a via varrendo arrumando os seus objetos; algumas vezes varria a rua toda. Era como uma dona de casa arrumando a sua casa; no caso a sua morada era a rua.

Tivemos um outro encontro. Certo dia, quando eu chegava ao consultório, ela estava pegando água no jardim. Ao me ver chegar, perguntou se fazia mal ela pegar água ali. Respondi que não e ela disse:

— A vida não é fácil! Já tive carro, trabalhava em escritório, mas é tudo bobagem... Eu não quero saber

Gilberto Safra é psicanalista, doutor em Psicologia Clínica, professor do Instituto de Psicologia da USP e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP.

de mais nada. Vou levando minha vida. As pessoas correm atrás disso, depois daquilo, depois morrem. Vou levando minha vida, moro na rua. Tudo é bobagem. Não quero saber de nada, nada é importante...

— Uma vassoura, às vezes, é importante... (respondo).

Seus olhos sorriem, pega a sua água e volta a aninhar-se entre os seus objetos.

Ela permaneceu mais alguns dias naquela rua e depois não mais a vi; mas a sua figura, com seus objetos, sua vassoura, permaneceram em mim ao longo dos anos como elementos que me levaram a refletir sobre a subjetividade humana e sobre sua relação com os objetos da cultura.

É interessante observar como essa senhora, dentro de seu desencanto, excluída das relações sociais, busca uma vassoura. Trata-se de um objeto que lhe permite uma interface com a cultura e a sociedade, ao mesmo tempo em que, pelo seu uso, preserva-lhe o senso de dignidade e a concepção de um lugar para habitar. Não é dinheiro ou comida que ela procura, mas um objeto, oferecido pelas mãos de um outro, que possibilita o seu reconhecimento como parte da espécie humana. Ela rejeita a sociedade com seus valores e modos de vida, mas quer a vassoura, que a mantém conectada, mesmo que de maneira precária, à cultura humana.

A materialidade do objeto e a subjetividade

Qual seria a função do objeto (material) na constituição da subjetividade?

A importância do objeto material na constituição e evolução da subjetividade poucas vezes foi abordada na literatura psicanalítica. Há inúmeros trabalhos assinalando o dinamismo do objeto fetichista, mas poucos discutindo a positividade do objeto sensorial e cultural.

Em 1947 Mme Sechehaye¹ apresentou um trabalho, hoje clássico, com uma moça esquizofrênica, em que a função do objeto era fundamental na condução da análise da paciente. O encontro da paciente com a maçã oferecida pela analista trouxe uma transformação significativa no seu quadro psicológico. Este fenômeno permitiu à autora apre-

da situação maternal. Segundo ele, a carga simbólica de tais atos torna-os próprios para constituir uma linguagem; o médico dialoga com seu paciente, não pela palavra, mas por meio de operações concretas, verdadeiros ritos que atravessam a tela da consciência sem encontrar obstáculo, para levar sua menagem diretamente ao inconsciente.

A vassoura é o objeto que,
oferecido pelas mãos de um outro,
preserva-lhe o senso de dignidade e a
concepção de um lugar para habitar.

sentar a sua concepção de “realização simbólica”. Este trabalho foi citado algumas vezes por Winnicott e outros autores do grupo independente de psicanálise, reconhecendo a importância da contribuição da autora.

Também Lévi-Strauss² utiliza-se das idéias apresentadas por Sechehaye ao discutir a eficácia simbólica, ou seja, a utilização de mitos e de objetos da cultura na cura de pacientes. Para ele trata-se do fornecimento, ao doente, de uma linguagem na qual possam ser expressos estados psíquicos não-formulados e que de outro modo seriam informuláveis. Referindo-se ao tratamento proposto por Sechehaye, afirma que ela percebeu que o discurso, por mais simbólico quanto possa ser, chocava-se ainda na barreira do consciente, e que só por atos ela podia atingir os complexos enterrados mais profundos. Seriam atos descontínuos, cada um simbolizando um elemento fundamental

Considero muito fecundas as reflexões de Lévi-Strauss, apesar de não apreciar a imagem utilizada por ele de “complexos profundos enterrados”, nem a ênfase dada, no caso em questão, aos estratos conscientes e inconscientes. Isto porque, do meu ponto de vista, não estamos lidando com material psíquico reprimido, mas sim com a constituição do *self* da paciente e de suas estruturas psíquicas.

Winnicott traz contribuições importantes para o desenvolvimento deste tema, com suas concepções sobre o objeto transicional e sobre os fenômenos transicionais. Segundo ele, há inicialmente um *self-central*³, que é o potencial herdado da criança, que, com o favorecimento do meio ambiente, está experimentando uma continuidade de ser e adquirindo gradualmente, de sua maneira e em seu próprio ritmo, uma realidade psíquica e esquema corporal pessoais.

Com o aparecimento do objeto transicional, irá se iniciar a capacidade da criança para o uso de símbolos. O objeto transicional é a primeira possessão não-eu e o primeiro acesso ao símbolo. A criança, mesmo não alcançando os fenômenos transicionais, poderá eventualmente utilizar-se de símbolos. Porém, segundo Winnicott⁴, a aceitação de símbolos será deficiente, o que acarretará o empobrecimento de sua vida cultural.

Em Winnicott, o que é objetivamente percebido é por definição subjetivamente concebido.

Em determinado momento do seu processo maturacional, a criança terá a possibilidade de utilizar-se de sua vida imaginativa para recortar um elemento da sensorialidade, constituindo o objeto transicional. Através desse recurso, poderá lidar com a ausência do objeto. Para Winnicott, este fenômeno pode ser compreendido como um *proto-símbolo*. O objeto transicional não poderá ser decodificado. Podemos compreender o objeto transicional como um objeto parcial, o seio, por exemplo; como uma representação do *self* da criança, ou ainda como uma representação da mãe. No entanto, ele não pode ser reduzido a

qualquer desses elementos. Tem importância em si, na medida em que possibilita uma organização, uma articulação simbólica da experiência da criança, ao mesmo tempo em que abre uma nova realidade, a terceira área da experiência humana. Através deste objeto, a criança poderá não só lidar com a ausência da mãe, mas também constituir a sua relação com o mundo, de tal forma que este objeto - como um proto-símbolo - veicule o seu estilo de ser, abrindo o espaço potencial. Neste não está em questão se o sujeito se encontra na realidade interna ou externa; o que realmente importa é o espaço de criação. O objeto transicional é abandonado com a difusão dos fenômenos transicionais por todo o espaço cultural.

Símbolo e transicionalidade

Cassirer⁵ afirma que a cultura humana está dividida em várias atividades que procedem segundo linhas diferentes e perseguem fins diferentes: mitos, ritos, credos religiosos, obras de arte, teorias científicas, é impossível reduzi-los a um denominador comum. Para ele, a linguagem foi identificada à razão, ou à fonte da razão, mas na verdade não cobre todo o campo simbólico do ser humano.

Suzanne Langer⁶ também discute estes aspectos amplamente, afirmando que mesmo a sensação decorrente de um órgão do sentido não pode ser compreendida sem levar-se em conta o universo simbólico dentro do qual o sujeito se insere. Winnicott⁷ afirma algo semelhante, quando diz que a objetividade é um termo relativo, porque o que é objetivamente percebido é por definição subjetivamente concebido. Desta forma, o que Langer mostra é que uma criança vai significando sua experiência tanto através do uso da linguagem discursiva, que ela desenvolverá na relação

com sua mãe, mas também pela articulação de formas simbólicas em seu campo sensorial.

Há então um desenvolvimento da capacidade simbólica da criança, que se dá no nível da linguagem verbal e também no campo da sensorialidade - articulação simbólica das formas, da cor, da luz, do espaço, do tempo, do tato, e assim por diante. Para Winnicott o símbolo nasce no campo da transicionalidade, o qual se caracteriza por recortes feitos pela criança no mundo sensorial.

O que temos é uma articulação semântica que se dá por recortes da sensorialidade. Estes permitem que o sujeito não só crie e mapeie o seu mundo, mas que também veicule determinadas concepções deste mundo através deste meio plástico. Trata-se, então, de um canal de articulação simbólica que ao longo dos anos, como ocorre com a linguagem, vai ganhando sofisticação. Langer denomina os símbolos não-discursivos de "símbolos apresentativos"; ela nos diz: "Os significados fornecidos através da linguagem são sucessivamente entendidos e reunidos em um todo pelo processo chamado discurso; os significados de todos os outros elementos simbólicos que compõem um símbolo maior e articulado são entendidos apenas através de suas relações dentro da estrutura total. Seu próprio funcionamento como símbolos depende do fato de estarem envolvidos em uma apresentação simultânea e integral. Essa espécie de semântica pode chamar-se de 'simbolismo apresentativo', para caracterizar sua distinção essencial em face do simbolismo discursivo, ou 'linguagem' propriamente dita."⁸

A existência humana é de grande complexidade. Há experiências que se expressam melhor pela linguagem discursiva, outras pelos símbolos apresentativos. A linguagem discursiva parece ser o veículo privilegiado do pensamento analítico,

da linguagem da precisão, da representação, das funções denotativas e conotativas para entes inseridos no espaço e tempo. Os símbolos apresentativos veiculam o sentir, o ser, o existir: elementos que, por sua natureza, exigem o uso de símbolos que preservem a complexidade da experiência. Por esta razão, podemos dizer que eles não *representam*, mas sim *apresentam* uma determinada experiência de sentir, existir ou ser; poderíamos chamá-los de símbolos do *self*. Em uma de suas cartas, Winnicott diz: "muitas vezes tem acontecido em minhas análises a interpretação de uma cobra não como símbolo fálico, mas como símbolo do *self* inteiro do bebê, tal como representado no corpo e nos movimentos corporais que são característicos do período próximo ao nascimento."⁹

Símbolo apresentativo e clínica psicanalítica

Por este vértice, toda a questão do assim chamado contato entre paciente e analista, e da intuição muda de lugar, porque esta não vai ser compreendida como alguma coisa enigmática, que dependeria de um estado de graça para ser conseguida, algo assim como uma apreensão de um conhecimento sem intermediação. A intuição pode ser concebida como a possibilidade de se compreender um símbolo que se organiza nesta dimensão da sensorialidade, ou seja, a capacidade de compreender os símbolos apresentativos.

Trata-se, então, de uma articulação de pensamento diferente daquela realizada pela linguagem: um pensamento que se dá em primeiro lugar por uma organização simbólica da sensorialidade, e que dará origem a todo um campo imaginário articulado simbolicamente.

Penso ser importante assinalar que uma imagem ou uma forma

sensorial apresentada por uma determinada criança pode ser simplesmente um sinal, ou seja, presença de objeto, continuidade de corpo. Essa é uma perspectiva importante no estudo dos objetos-fetichê e dos objetos autísticos.

Da mesma forma, há sonhos que têm valor de um objeto sensorial, fetichista ou autístico, ao qual o paciente se apega no horror a dispersão de seu *self*, e há outros que apresentam uma articulação de concepções presentes na vida psíquica

Os símbolos do *self* não *representam*, mas sim *apresentam* uma determinada experiência de sentir, existir ou ser.

do sujeito, tendo portanto uma função elaborativa. Winnicott discute estes aspectos procurando discriminar entre devaneios e sonhos, entre uma imagem que simplesmente significa e que presentifica um determinado objeto, e outra, parte de um campo imaginário que se abre para concepções e elaborações.

Clinicamente, uma imagem criada pelo paciente pode apontar para uma possibilidade de simbolização. A ocorrência deste processo, muitas vezes, dependerá da maneira como o analista abordar o fenômeno. Com frequência o analista, emoldurando a imagem apresentada pelo paciente através de assinalamentos, usa da mesma imagem em outro momento da sessão como metáfora da maneira de ser do paciente, pro-

piciando que aquele elemento - que em um primeiro momento era simplesmente uma aparente forma sensorial - passe a ser a articulação de uma concepção do paciente sobre o seu próprio *self*. Este tipo de intervenção promove o fenômeno graças ao espaço potencial, campo intersubjetivo entre analista e paciente. Temos aí uma área de investigação clínica bastante fecunda - o estudo das intervenções realizadas na sessão de análise na dimensão dos fenômenos transicionais.

Por este trabalho, teremos a possibilidade de recuperar a capacidade criativa do paciente, entendida como a possibilidade de simplesmente estar no mundo, de recuperar ou constituir a potencialidade de articular experiências em símbolos de *self*. Nestes símbolos, suspendem-se as categorias do espaço e do tempo, do sujeito e do objeto, do externo e do interno. É o lugar dos paradoxos e da articulação da experiência de ser no campo cultural.

A perspectiva de trabalho oferecida por este vértice dependerá da capacidade do analista de mover-se na dimensão da transicionalidade e de compreender os símbolos de *self* utilizados pelo paciente. Nossa cultura valoriza intensamente a linguagem discursiva. É muito difícil concebermos um fenômeno que não possa ser passível de decodificação. No trato com a criança ou com o paciente adulto, é fundamental que o analista possa tanto acompanhar as vivências psíquicas que se expressam pela linguagem discursiva, quanto aquelas que emergem através de símbolos apresentativos, símbolos do *self*, articulados no campo sensorial. Para isto, ele recorrerá às articulações simbólicas específicas do sujeito em questão, pois não é possível o uso de um referente fora da organização semântica desse sujeito para compreender o fenômeno que se apresenta na situação

clínica. Vislumbrará a partir daí as concepções a respeito da vida, do estar no mundo, das características étnico-culturais, que fundamentam a subjetividade de seu paciente e de seu vir a ser na relação com o outro.

A sessão será mais um espaço de experiência do que um lugar de cognição. E o trabalho com a transferência não será tanto feito pela interpretação decodificadora, mas pela utilização dela como campo de presentificação do gesto que apresenta o *self* do paciente. O analisando busca o analista na esperança de encontrar a função e o campo que lhe possibilitarão emergir como ser existente e inserido na cultura, na história do homem. Busca a experiência através da qual poderá criar o símbolo do *self* que constitua sua experiência de ser.

Temos por estas perspectivas todo um campo de trabalho e investigação no campo psicanalítico. Bollas comenta: "Talvez necessitemos de uma nova visão na psicanálise clínica, semelhante a um tipo de antropologia da pessoa. Daríamos extrema atenção a todos os objetos selecionados por um paciente e anotaríamos o uso que é dado a cada um deles. A literatura, os filmes e a música que a pessoa seleciona constituiriam uma parte tão valiosa do campo de trabalho quanto o sonho. Fotografias do interior da casa do analisando, álbuns narrando a história da escolha dos objetos domésticos, descrições detalhadas de seus amores, amigos e inimigos poderiam ajudar em nosso esforço para seguir a pista do *self* verdadeiro."¹⁰

O símbolo do *self* apresenta-se em imagem, em objeto recortado na materialidade, apresentando o estilo de ser do sujeito. Em decorrência deste fenômeno, amplia-se a possibilidade de intervenção do analista no campo clínico. A intervenção não necessita ser somente verbal; em algumas situações, um objeto material pode ser mais fecun-

do para o trabalho analítico do que a interpretação clássica verbal. Este é o fenômeno que já havia sido apresentado por Sechehaye em 1947. Little discute esta questão num trabalho em que aborda a técnica que emprega com pacientes regredidos. Assinalando a importância da forma da interpretação, ela afirma: "Essas formas podem ser verbais ou não-verbais. A capacidade do paciente para a simbolização e para o pensamento dedutivo determina amplamente a forma, e estes fatores dependem do que ocorreu com ele em seu desenvolvimento inicial. Pacientes diferentes podem necessitar formas diferentes, e para qualquer paciente uma forma que foi útil e significativa uma vez pode ser inútil em outra. Em última instância, a forma, naturalmente, terá que ser verbal e interpretativa, mas um objeto (maçã, biscoito, cobertor, etc.), como Mme. Sechehaye mostrou, pode ter o efeito como de uma interpretação e pode ser conectada com interpretações verbais mais tarde, quando a capacidade de usar símbolos desenvolveu-se o suficiente."¹¹

Considero que Little faz uma contribuição importante. No entanto, penso que podemos encontrar nela a mesma valorização do verbal, como se esta fosse a expressão simbólica por excelência, posição

com a qual não concordo. Precisamos levar em conta que, assim como há uma evolução do uso da linguagem discursiva ao longo do desenvolvimento da pessoa, há também uma evolução do uso do objeto sensorial em níveis cada vez mais sofisticados ao longo de seu desenvolvimento. Há o objeto acessório, dando um senso de continuidade de *self*; o objeto autístico, proporcionando uma concha de sensorialidade frente ao terror indizível; o objeto fetiche, obturando a vivência de um *self* esburacado; o objeto transicional, primeira possessão não-eu; objeto de *self*, articulação simbólica de um estilo de ser; objeto da cultura, conectando o sujeito à história do homem; objeto de arte, apresentando o vértice estético e inserindo o homem na temporalidade. Não podemos confundir um uso específico do objeto com toda a gama de articulações possíveis.

A panela de cobre

Uma senhora com idade ao redor de sessenta anos procura análise por estar deprimida e sem ânimo. Tratava-se de um estado psíquico que experimentava há muitos anos. Era de origem européia; vivera os horrores de uma guerra mundial, quando perdeu entes mui-

É preciso considerar que, assim como há uma evolução do uso da linguagem discursiva, há também uma evolução do uso do objeto sensorial.

to queridos. Imigrou para o Brasil, e ao longo dos anos estruturou um quadro melancólico que se cronificou.

Inicia sua análise com uma analista, estabelecendo com ela um vín-

A panela e o divã são objetos materiais que têm uma função interventiva que dificilmente se obteria com interpretação verbal.

culo de confiança. As sessões eram invadidas por tédio e depressão. A paciente queixava-se, dizendo sentir-se empobrecida, sem recursos para nada. A analista procurou, ao longo do processo, analisar a melancolia e os dinamismos de sua hostilidade. Com frequência, a senhora referia-se ao passado com nostalgia, pois lhe parecia que aquela época fora mais rica e mais cheia de vitalidade. Vitalidade e riqueza que pareciam estar perdidas para sempre.

Algumas vezes, ao referir-se ao passado, lembrava de experiências que havia tido com sua mãe fazendo comidas; uma panela de cobre era o elemento que apresentava e aglutinava essas recordações.

A analista, certa vez, viu uma panela de cobre em uma loja, e, lembrando-se daquela senhora, resolveu comprar o objeto para dá-lo à paciente em uma ocasião propícia.

Aproximou-se o dia do aniversário da paciente, sempre com as

associações nostálgicas e sem vida. Na sessão próxima ao aniversário, a analista ofereceu-lhe como presente a panela de cobre que havia adquirido. A analisanda surpreendeu-se com o objeto, demonstrando alegria e encantamento pelo presente recebido. O interessante é que a paciente pôde dizer: "Compreendi!"

Estabeleceu-se ali um momento de vivência estética¹² restabelecendo a experiência de ilusão. A paciente reencontrava, através da ligação transferencial com o objeto apresentado, o seu passado, a presença afetiva de sua mãe, a sua capacidade criativa conjugada com sua feminilidade, e aspectos de sua cultura de origem.

Este foi um momento transformador dentro do processo analítico. A partir deste ponto, a paciente usou a panela para organizar jantares com os seus amigos. Gradualmente sentiu-se mais segura e esperançosa para lidar com o seu cotidiano. Começou a vestir-se com mais cores, sentindo prazer com sua feminilidade. Resolveu viajar para seu país de origem, ali visitou os lugares de sua infância e seus antigos conhecidos. Reencontrou-se em sua história; voltou ao Brasil não mais idealizando o seu passado, mas feliz com a sua vida na atualidade.

Poderíamos realizar inúmeras interpretações sobre a função da panela naquele momento da análise desta paciente. A panela funcionou de maneira complexa frente a subjetividade desta senhora. Era um objeto transicional que reconectava o passado ao presente, devolvendo o sentido de continuidade ao *self* da analisanda. Por outro lado, era um símbolo de sua feminilidade e de seu estilo de ser, e também um objeto de cultura. O mais importante, neste momento, é considerar a sua função interventiva dentro do processo analítico: esta teve uma fecundidade que dificilmente se obteria com uma interpretação ver-

bal. É o objeto que, por sua materialidade e eficácia simbólica, permite a experiência mutativa necessitada pela paciente.

Penso ser necessário que posamos nos deter na reflexão e na investigação do lugar do objeto material na constituição da subjetividade humana. Temos valorizado a palavra em detrimento do objeto em nossa prática clínica, o que nos tem mantidos cegos para alguns fenômenos. No entanto, nós psicanalistas temos um objeto que é símbolo de nossa identidade profissional, elemento que nos representa na cultura, além de ser parte integrante de nossa técnica: *o divã...*

NOTAS

1. M. A. Sechehaye, *La Realización Simbólica y Diario de una Esquizofrénica*, México, Fondo de Cultura Económica, 1988.
2. C. Lévi-Strauss, *Antropologia Cultural*, Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro, 1967, p. 231.
3. D. Winnicott, "Ego Distortion in Terms of True and False Self", in *The Maturational Process and the Facilitating Environment*, London, Karnac Books, 1990.
4. D. Winnicott, "The Fate of The Transicional Object", in *Psychoanalytic Explorations*, London, Karnac Books, 1989.
5. E. Cassirer, *Las Ciencias de la Cultura*, México, Fondo de Cultura Económica, 1993.
6. S. Langer, *Philosophy in a New Key. A Study in the Symbolism of Reason, Rite and Art*, Cambridge, Harvard University Press, 1976.
7. D. W. Winnicott, *Playing and Reality*, London, Tavistock/Routledge, 1992.
8. S. Langer, op. cit., p. 97.
9. D. Winnicott, *O Gesto Espontâneo*, São Paulo, Martins Fontes, 1987.
10. C. Bollas, *A Sombra do Objeto*, Rio de Janeiro, Imago, 1992, p. 31.
11. M. Little, *Transference Neurosis & Transference Psychosis*, New Jersey, Jason Aronson, 1993, p. 57, nossa tradução.
12. G. Safra, "Experiência Estética na Constituição da Transicionalidade", in *D. W. Winnicott na Universidade São Paulo*, São Paulo, Departamento de Psicologia Clínica do IPUSP, 1996.